

## TECENDO AS LINHAS DA MEMÓRIA

Maria Amelia DIONISIO  
Universidade Federal de Santa Catarina  
meia\_dionisio@yahoo.com.br

**Resumo:** A escritora Eugenia Zerbini, em sua obra *As netas da Ema* (2005) procura não apenas trazer o debate em torno da questão da luta feminista, mas também propõe reflexões sobre um período da história de nosso país, a memória ainda pulsante da ditadura nas pessoas que tiveram suas vidas transformadas após esse período, a atividade do escritor, tudo isso através do uso de elementos da escrita advindas dos escritores modernos. Fascinada pela personagem do escritor Gustave Flaubert, Ema Bovary, a autora traz na personagem narradora os conflitos de uma mulher que após um assalto apresenta uma série de questionamentos sobre sua vida, experiência, comportamento e principalmente sobre sua identidade, e já por volta de seus cinquenta anos se vê ainda assombrada por uma juventude vivida durante os anos de chumbo da ditadura no Brasil.

Através dos recursos da narrativa e do suporte metodológico das teorias feministas contemporâneas serão analisados os questionamentos levantados pela personagem. As memórias, temática central da obra, voltam à mente da narradora e é através dela que temas como a identidade, o papel da literatura na perspectiva do escritor e posicionamentos em relação ao papel da mulher no século XXI serão levantados e propostos à discussão.

**Palavras-chave:** memória; identidade; teoria feminista.

Escrever é, pois, ao mesmo tempo desvendar o mundo e propô-lo como uma tarefa à generosidade do leitor. É recorrer à consciência de outrem para se fazer reconhecer como *essencial* à totalidade do ser; é querer viver essa essencialidade por interpostas; mas como, de outro lado, o mundo real só se revela na ação, como ninguém pode sentir-se nele senão superando-o para transformá-lo, o universo do romancista careceria de espessura se não fosse descoberto um movimento para transcendê-lo.

Jean Paul-Sartre

Ao terminar a leitura prazerosa de *As netas da Ema* (2005) de Eugenia Zerbini uma primeira questão surgiu: seria essa obra uma literatura de cunho feminista que quer trazer em si apenas uma discussão em torno da trajetória desse movimento no Brasil? Podemos responder que sim, mas esta não é a única questão colocada pela autora do livro, suas indagações vão mais além. Eugenia Zerbini, advogada, professora, que se descobriu escritora, procura não apenas trazer o debate em torno da questão da luta feminista, mas também propõe reflexões sobre um período da história de nosso país, a memória ainda pulsante da ditadura

nas pessoas que tiveram suas vidas transformadas após esse período e a atividade do escritor, tudo isso através do uso de elementos da escrita advindas dos escritores modernos.

Declaradamente fascinada pela personagem *Madame Bovary* (1857), a qual nomeia a obra do escritor francês Gustave Flaubert (1821-1880), Zerbini já no seu título nos dá pistas, como apontado por Tânia Ramos (2007), do que podemos encontrar na leitura.

Para a autora além de alimentar a dúvida o próprio título do seu romance – Ema, qual Ema? (ou emá, a ave) – também quer mostrar muita intimidade com as aventuras, ilusões, desilusões e acertos da Bovary. Com bastante consciência de seu fazer literário, Eugênia Zerbini nos diz: “*As netas da Ema* parece ser mais sonoro, eufônico, no que eu considero um romance-ensaio”. (RAMOS, 2007, p. 35-36)

Como uma personagem que vivia fora de seu tempo, Ema Bovary traz em si o início da emancipação feminina, a incessante busca interior de mulheres que não se veem felizes com os moldes tradicionalistas perpetuados por séculos e que buscam uma liberdade de escolha e é essa nova liberdade no tempo contemporâneo que é posta em questão por Zerbini em sua narrativa. O romance é dividido em cinco capítulos interligados, mas com uma quebra na sequência temporal. Presente, passado e sonhos se misturam na narrativa ficcional que se confundem com uma autobiografia da protagonista. A narradora em primeira pessoa, não nominada, sofre um assalto que será o evento-estopim para uma série de questionamentos sobre sua vida, experiência, comportamento e principalmente sobre sua identidade. Já por volta de seus cinquenta anos ela se vê ainda assombrada por uma juventude vivida durante os anos de chumbo da ditadura no Brasil<sup>1</sup>.

O assalto é desencadeador de uma série de lembranças desse período. Seus pais, sua mãe de família polonesa e seu pai advogado de presos políticos, militantes do grupo Ação Popular criado na década de 60, lutavam contra o sistema opressor da época. Em 1970 são capturados dentro de casa aos olhos da protagonista então adolescente. A avó paterna, mulher de caráter intenso, torna-se o único elo familiar presente, sendo uma espécie de guia para a futura mulher. “Vovó que morreu lúcida, aos 96 anos, sempre repetiu que eu tivesse certeza de que olharia por mim, não importa onde estivesse.” (ZERBINI, 2005, p. 118). Também havia uma tia que por motivos políticos morava no exterior e com a qual ela não mantinha contato.

A narrativa, seguindo sempre em ritmo veloz assemelha-se às novas escritas dos meios de comunicação, os *blogs* e *sites*, e vão nos revelando, ou desvelando, essas lembranças, que também fazem parte do arquétipo histórico, na tentativa de montar uma identidade em crise. Assim como o personagem *Charles* de *Madame Bovary*, a protagonista possui todo o controle de sua vida, é uma empresária bem sucedida, prestes a ganhar um importante prêmio. Uma mulher que denominaríamos no linguajar popular como “moderna” e independente financeiramente, sem filhos e rodeada por um grupo de amigas.

Apesar de toda essa independência a personagem se vê sem uma identidade definida. A expressão da perda se dá na narrativa através do símbolo da cidade cosmopolita, heterogênea. A protagonista é assaltada “no começo da noite, em uma rua mais ou menos movimentada de um lugar que poderia ser São Paulo, Rio de Janeiro, Barcelona ou Nova York” (ZERBINI, 2005, p.11), como mencionado na primeira página da narrativa. Ao se dirigir ao hospital por ter a cabeça ferida, recebe inusitadamente um elogio da médica por ter

---

<sup>1</sup> O regime ditatorial foi inaugurado com o golpe militar de 31 de março de 1964, e denominado como os "Anos de Chumbo".

reagido à situação: “– É isso aí. Parabéns. O século XXI será das mulheres.” (ZERBINI, 2005, p. 18)

As lutas feministas durante os séculos XIX e XX explicam a fala da médica, pois muitas foram as superações, conquistas e perdas das mulheres nos vários campos da sociedade. A década de 70 será uma recordação ainda pulsante não somente pelo fato da ocorrência da ditadura, mas também porque marca o início de um movimento feminista mais atuante no Brasil.

Embora uma confluência de fatores tenha contribuído para a eclosão do feminismo brasileiro nos anos 70 - como o impacto do feminismo internacional e mudanças efetivas na situação da mulher no país a partir dos anos 60, que punham em questão a tradicional hierarquia de gênero -, o feminismo no Brasil surge como consequência da resistência das mulheres à ditadura militar, depois da derrota da luta armada e no sentido da elaboração política e pessoal desta derrota. (SARTI, 1998, p. 3)

Até meados do século XX as mulheres brasileiras se viam mais imersas em preconceitos e privadas de todos os direitos, inclusive os de produção cultural. A partir da década de 70 muitas mulheres começam a se organizar coletivamente com um primeiro objetivo de lutar dentro do campo político contra o sistema da ditadura e já em um segundo movimento de contestar o lugar que lhes era concedido na sociedade, deixando de lado o próprio preconceito que as impedia de refletir sobre questões que giravam em torno da própria condição de ser mulher, debates estes que já eram assíduos nos EUA e na Europa.

Novas experiências cotidianas entraram em conflito com o padrão tradicional de valores nas relações familiares, sobretudo por seu caráter autoritário e patriarcal. Nessas circunstâncias, o Ano Internacional da Mulher, 1975, oficialmente declarado pela ONU, propicia o cenário para início do movimento feminista no Brasil, ainda fortemente marcado pela luta política contra o regime militar. (SARTI, 1998, p. 5)

Dentre as novas experiências do mundo moderno a "revolução cultural" buscou através de uma "cultura de resistência" criticar a modernidade advinda da sociedade burguesa. Os novos comportamentos sociais e sexuais também surgiram modificando as estruturas, graças ao surgimento do anticoncepcional, por exemplo, é possibilitado à mulher novas configurações nas relações afetivas.

Todo o movimento feminista surge de dentro da esfera da classe média intelectualizada, e aos pouco vai se expandindo em direção às camadas mais populares, procurando encontrar novas maneiras de expressão que fugissem ao poderio masculino tão enraizado. Alguns jornais foram fundados por esses grupos como o *Brasil Mulher* (1975-1980) e o *Nós Mulheres* (1976-1978) que buscavam veicular as reflexões das novas proposições de feminilidade e dos papéis da mulher na sociedade, alavancando aquilo que muitas já haviam iniciado nas décadas sucessivas, mas até então sem muito sucesso.

Os dois jornais enfrentam as questões polêmicas daqueles tempos atribulados como a anistia, o aborto, a mortalidade materna, as mulheres na política, o trabalho feminino, a dupla jornada e a prostituição, trazendo ainda muitas matérias sobre a sexualidade, o preconceito racial, a mulher na literatura, no teatro e no cinema. (DUARTE, 2003. p. 266)

Os jornais também tinham como objetivo atingir a camada das trabalhadoras para iniciá-las em um discurso marxista em relação à luta de classes.

O feminismo, nesse contexto, procurou pautar-se pela linguagem predominante na esquerda do país, dominando não apenas os conceitos marxistas, mas procurando provar como, em cada uma das questões levantadas pelos líderes e partidos políticos, era possível também perceber a dimensão feminina. Em suma, falando a linguagem marxista-masculina, as feministas esforçaram-se para dar legitimidade às suas reivindicações, para valorizar suas lutas e apresentarem-se como um grupo político importante e digno de confiança. (RAGO, 2003)

Mesmo o assunto de gênero não sendo abordado claramente, as feministas buscavam questionar as diferenças existentes entre homens e mulheres principalmente no âmbito social, as relações de poder encontradas dentro da esfera política como os partidos que eram declaradamente machistas. Há também o início do avanço nas discussões de temas que eram considerados, até então, tabus como o aborto, o sexo e até mesmo o orgasmo feminino.

As questões do mundo privado, da subjetividade, da família, da sexualidade, das linguagens corporais ganharam visibilidade e dizibilidade, podemos dizer, tomando de empréstimo alguns termos de Deleuze, tanto na prática cotidiana dos grupos feministas, quanto nos debates acadêmicos e nas reuniões dos militantes. O distanciamento do discurso marxista-masculino, por sua vez, facilitou a incorporação de temas tabus como os referentes às emoções, ou à moda e, por conseguinte, a procura de novos conceitos capazes de enunciá-los e interpretá-los. Estes foram buscados, sobretudo, no campo conceitual que vinha sendo proposto pelas correntes do pensamento pós-moderno, a exemplo do conceito de “desconstrução” de Derrida, ou das noções de “poder disciplinar” e de “subjetivação”, trabalhadas por Foucault. (RAGO, 2003)

Já dentro do âmbito literário as escritoras começam a surgir com o início da escolarização pública feminina no início do século XIX. Uma das primeiras mulheres a romper com as barreiras que impediam a publicação (e não a escrita, já que essa era da esfera particular) de textos por mulheres foi Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885). Nascida no Rio Grande do Norte, sua primeira obra intitulada *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832) foi a primeira “no Brasil a tratar do direito das mulheres à instrução e ao trabalho, e a exigir que elas fossem consideradas inteligentes e merecedoras de respeito” (DUARTE, 2003, p. 153). Nísia viveu na Europa por muitos anos o que lhe possibilitou experienciar as diferenças sociais em ambas sociedades. Um dos pontos importantes que segundo ela era portadora da desigualdade e da opressão feminina era a falta de acesso a educação pelas brasileiras - ponto chave que será retomado por outras escritoras e feministas -, fator que segundo Nísia impossibilitava a consciência da condição da mulher.

Durante o século XIX vários nomes de escritoras despontaram, como Beatriz Francisca de Assis Brandão, Ana Eurídice Eufrosina de Barandas, Julia de Albuquerque Sandy Aguiar e tantas outras que se dedicavam à literatura e ao jornalismo. Já a partir do século XX com o clamor “pelo direito ao voto, ao curso superior e à ampliação do campo de trabalho”, as mulheres almejavam “não apenas ser professoras, mas também trabalhar no comércio, nas repartições, nos hospitais e indústrias”. (DUARTE, 2003, p.160) Esse momento foi de grande importância para o movimento e muitas mulheres empenharam-se não somente

na arte da escrita, mas também no campo político, pois em 1929 temos a primeira mulher eleita prefeita na cidade de Lajes no Rio Grande do Norte.

Retomando o campo literário Rosalina Coelho Lisboa torna-se a primeira mulher a receber o prêmio no concurso literário da Academia Brasileira de Letras em 1921 pela obra *Rito Pagão*, abrindo assim de forma mais concreta o campo para outras tantas autoras que trouxeram à público a sua escrita feminina e feminista.

Segundo Zahidé Muzart:

[...] no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. E eram ligadas à literatura. Então, na origem, a literatura feminina no Brasil esteve ligada sempre a um feminismo incipiente. (MUZART, 2003, p 267)

Esse feminismo incipiente é advindo da própria história da luta feminista no Brasil. Na obra de Zerbini a protagonista se vê impossibilitada de realizar um desejo que era o da escrita, um desejo íntimo que traz à ela uma vontade de narrar algo “de desvendar o mundo”, como proposto por Sartre, um mundo subjetivo que para ela havia sido fragmentado através da falta, uma falta que somente será elucidada com o ato da escrita. Ela se pergunta qual seria o lugar da escrita no mundo pós-moderno, no qual a internet e a televisão mudaram nossa perspectiva sobre o livro e sobre a própria literatura. “A literatura é linear, tem um compromisso com a razão; a vida vai além disso.” (ZERBINI, 2005, p. 102) De fato nessa obra Zerbini demonstra esse comprometimento com a razão que leva a uma busca de uma verdade desconhecida com os fatos - assim como fizeram as escritoras precursoras -, com a própria releitura da história, mas sem deixar de lado o labor estético da literatura.

E é no encontro com o grupo de amigas que se trará muitas destas discussões. Esse grupo formado por mulheres profissionalmente estáveis, cada uma com uma história de vida pessoal - algumas mais conturbadas refletindo as relações humanas atuais - começam a confabular sobre uma possível temática para a escrita do livro. As amigas, nominadas por particularidades físicas ou de personalidade como *A-amiga-comum-que-também-era-dentista* ou *A-loira-muito-linda-de-olhos-gateados*, vão, na tentativa de encontrar um gênero adequado para a escrita do futuro livro, percorrer desde as literaturas de consumo àquelas baseadas em fatos verídicos como *A morte e a donzela* de Ariel Dorfman. O que a protagonista não percebe é que ao relembrar seu passado já estava escrevendo seu tão desejado livro, a vida ali de fato, vai muito além da literatura.

Esse grupo de mulheres que se assemelha aos grupos feministas pioneiros formados na década de 60, que aparentemente haviam sido beneficiadas com todas as transformações adquiridas através das lutas feministas, vivem sempre entre o limiar de um passado repleto de costumes que, ainda hoje, encontram-se arraigados e de um presente de liberdade, uma liberdade questionada pelo viés da felicidade. Seriam elas felizes de fato com todas essas mudanças?

[...]Em resumo: essas mulheres quando adolescentes dançaram Born to be wild. Porém, em alguns aspectos, idéias recebidas de mães, avós e bisavós sobreviveram debaixo de toda essa atmosfera de mudança. Essas mesmas mulheres ficaram um pouco divididas e essa divisão impregnou todas as conquistas com sombras de culpa. Por esse impasse, ainda diz a autora, passei a chamá-las de ‘Netas da Ema’: como a Bovary tinham tudo para serem felizes, mas apresentavam-se sempre inquietas, querendo mais. Do

ponto de vista formal até cabe uma observação: à luz de um exame gramatical mais acurado, o mais acertado poderia ser ‘As netas de Ema’ (uma vez que se trata de Ema Bovary e não qualquer outra Ema). (RAMOS, 2007, p.35)

Ainda sobre essa reflexão diz a narradora:

Tínhamos nascido nos “novecentos”, no período compreendido entre a criação da OTAN, no final de 1949, patrocinada pelos Estados Unidos, e a subida de Fidel Castro ao poder em Cuba, amparada pela União Soviética, uma década depois. [...] Fomos jovens no século XX, em uma época na qual a juventude, parece que pela última vez, juntou-se em torno da ideia da construção de algo novo. Como mulheres contestamos os valores de uma sociedade machista, tivemos acesso à educação sexual, aos anticoncepcionais, ao estudo e ao trabalho. [...] Fomos a primeira geração a ter o condão da escolha. (ZERBINI, 2005, p. 39-41)

As memórias desse período, memórias no plural se pensarmos que primeiramente fazem parte de um conjunto de memórias históricas subjetivas e de grupos (das lutas feministas aos episódios históricos), voltam à mente da narradora, pois a “[...] memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos” e “[...] há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada” (NORA, 1993, p. 9) Ao relembrar os fatos, muitos episódios que haviam sido ocultados de sua memória retornam como se reviver o trauma fosse uma maneira de superá-los.

Utilizando-se de *flashbacks* da linguagem cinematográfica, a autora faz com que a narrativa além de possuir um dinamismo consiga expressar as reflexões do presente trazidas através do passado vivido pela protagonista. Esses *flashbacks* permeiam a história, projetando a narração a um monólogo interior repleto de lembranças. “Subitamente, como se estivesse na frente de uma tela de cinema, vi a cena do dia em que fora ao presídio Tiradentes, onde ficavam detidos os presos políticos.” (ZERBINI, 2005, p. 145)

A busca de notícias sobre seus pais, quando ainda adolescente é uma das lembranças. Na tentativa de alguma notícia que pudesse indicar onde eles se encontravam a então adolescente narradora vai até o DOI-CODI<sup>2</sup> sem o consentimento da avó. Ali se depara com um oficial que já a havia observado anteriormente e acaba abusando-a sexualmente. A cena é descrita nos mínimos detalhes, objetiva e seca, sem deixar transparecer o sofrimento, como se ao relembrar a cena os momentos revividos fossem transformados pela memória em algo aprazível, na tentativa de apagar o trauma. “Eu queria esquecer que, quando dei por mim, segurava sua cabeça e sentia seus cabelos entre minhas mãos. Ele levantou a face e procurou minha boca. Nos beijamos. Ele levantou e estendeu as mãos para mim. Abraçou-me” (ZERBINI, 2005, p. 71)

Assim como Dante em *A divina Comédia* a narradora desce aos infernos em busca de algo que acabasse com o sofrimento do desaparecimento dos pais. A sua busca interior, quando já adulta também pode ser comparada às buscas filosóficas de Dante em sua descida. “O escritor desce aos infernos, ao reino de Hades, e dele retorna com sua escrita. Muitos descem, poucos sobem. Lembrar-se do que viu e saber contar depois que subiu é que é o “x” da questão.” (ZERBINI, 2008)

Em outro momento, a pedido da avó a protagonista entra na penitenciária feminina juntamente com uma senhora que iria visitar a filha e lá irá procurar por pistas.

---

<sup>2</sup> O Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) foi um órgão subordinado ao Exército, de inteligência e repressão do governo brasileiro durante a ditadura.

Atravessamos o muro que separava as duas alas através da porta de ferro que foi aberta e imediatamente fechada às nossas costas. Quando eu era pequena, mas muito pequena mesmo – ainda nem sabia ler –, ia ao escritório que papai tinha em casa, onde ele às vezes trabalhava e tinha seus livros. Entre eles havia uma *Divina Comédia* cujas ilustrações bem mais tarde vim a saber que eram de Gustave Doré. Eu tinha medo de ter que encarar aqueles corpos retorcidos, aqueles rostos agonizantes, aquele sofrimento patente, tudo sombra, escuro e cinza. (ZERBINI, 2005, p. 146)

Relembrar estes fatos traumáticos demonstra também a busca da narradora por uma identidade feminina - fruto de um ideal normativo - tanto almejada que lhe fora roubada durante a ditadura militar pelo desaparecimento dos pais e a consequente falta da figura destes. Para Stuart Hall (2000)

A unidade, a homogeneidade interna, que o termo “identidade” assume como fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta” – mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado. (HALL, 2000, p. 110)

Para Hall a formação da identidade se dá por uma opressão advinda do poder que controla a esfera do social, na narrativa o correspondente seria a ditadura. Essa falta para a narradora culmina em uma crise interna, uma crise subjetiva na qual ela não consegue encaixar-se em uma posição de sujeito.

- Na vida, a gente sempre sente falta de alguma coisa. Senti a falta de mais atenção de meus pais. Tinha que dividi-los com meus outros irmãos. Senti a falta de uma irmã, lembra-se? Na época do ginásio, conversávamos sobre isso. Por um tempo, senti a falta de não ter encontrado um grande amor. Como se me faltasse um pedaço. Depois, vi que isso era bobagem. (ZERBINI, 2005, p. 154)

Nesse diálogo entre a protagonista e a sua amiga *Aquela-que-seguiu-o-exemplo-das-amazonas* percebemos que a falta transforma-se psicologicamente em uma problemática que pode gerar percalços para a formação de identidade, perpassando não somente pelo viés da identificação com aquilo ao qual nós sucedemos, mas principalmente pelos elementos sem os quais a sociedade com suas imposições nos colocam como barreiras para a felicidade, como a busca por amor ou até mesmo a maternidade.

Uma mulher a frente de seu tempo, assim como Ema Bovary, Eugenia Zerbini procura mostrar esse universo de mulheres ficcionais que assemelham-se a todas as mulheres reais, que ainda convivem com problemáticas e diferenças que nem mesmo a chegada do século XXI pode conter. Memórias e lembranças formam a história não só dessas personagens, que se tornaram os pilares de estruturas familiares e que muitas vezes se vêem fragmentadas por um tempo que as consome. O tempo torna-se uma das chaves de leitura, enigmático possui o poder de trazer a tona desejos e traumas passados dessas mulheres que nunca atingem uma satisfação plena, mas que continuam batalhando por ideais que perpassam por gerações, tornando-se assim, de fato, as netas da Ema.

### **Referência Bibliográfica:**

- DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. In: *Estudos Avançados* [online]. v.17. n.49. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003. p. 151-172. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300010&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142003000300010&script=sci_arttext)>. Acesso em: 20 ago. 2011.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomas Tadeu (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000, p. 103-133.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. *Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar*. In: MOREIRA, Maria Eunice (org.). *História da Literatura, teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.
- NORA, Pierre. *Entre memória e história. A problemática dos lugares*. Projeto História: Revista do programa de estudos pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP. n.10. São Paulo: PUC-SP, 1993.
- RAGO, Margareth. Os feminismos no Brasil: dos “anos de chumbo” à era global. In: Labrys, Estudos feministas. n. 3 Brasília, Montreal, Paris: Labrys, 2003. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys3/web/bras/margal.htm>>. Acesso em: 10 set. 2011.
- RAMOS, Tânia Regina Oliveira. *Narrativas com fôlego*. Revista Letras de Hoje, Porto Alegre: PUC RS, v.42, n.4, p. 32-41, 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/4111/3113>>. Acesso em: 14 maio 2011.
- SARTI, Cynthia. *O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: o que ficou escondido*. Disponível em: <<http://lasa.international.pitt.edu/LASA98/Sarti.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2011.
- ZERBINI, Eugenia. *As netas da Ema*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Entrevista com Eugenia Zerbinini*. In: RAMOS, Tânia Regina Oliveira. *Narrativas com fôlego*. Porto Alegre: PUC-RS, 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/viewFile/4111/3113>>. Acesso em: 14 maio 2011.
- \_\_\_\_\_. *Margareth Atwood, ninguém comentou*. Disponível em: <<http://netasdaema.blogspot.com/>>. Acesso em: 14 maio 2011.